

Título: PARTICIPAÇÃO DO ENFERMEIRO EM ESTUDOS BRASILEIROS QUE ENVOLVEM A APLICAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO TERAPIA ALTERNATIVA

Autores:        Profa. Ms Cristiane Karina Malvezzi  
                     Eveline Aparecida Guimarães de Carvalho  
                     Fernada do Valle Tiburcio Alves

Local de realização do trabalho: Faculdade de Enfermagem das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA

## RESUMO

No Brasil, a busca por terapias alternativas tem se destacado e despertado o interesse dos profissionais da área de saúde. As ervas medicinais podem ser consideradas como coadjuvantes terapêuticos e seu uso pode ser valorizado e discutido junto à comunidade. O objetivo deste trabalho foi de investigar a participação do enfermeiro em estudos que envolvem a utilização de plantas medicinais visando a sua utilização em terapias alternativas. Realizou-se um levantamento bibliográfico dos últimos vinte anos nas bases de dados: Lilacs, BDEF e HISA, utilizando como descritores “plantas medicinais”, “fitoterapia”, “enfermagem”; país de publicação Brasil. Foram encontrados 16 trabalhos, revelando uma baixa participação do enfermeiro em pesquisas que envolvem plantas medicinais. Estes resultados mostram que estes profissionais de saúde estão ainda pouco informados e preparados para lidar com este recurso ou mesmo desconhecem o seu potencial de participação nesses trabalhos. Considerando a abundância de diversidade de espécies vegetais nativas e a facilidade de acesso, bem como o baixo custo para a preparação de infusões, aliadas as outras vantagens na utilização das plantas medicinais no Brasil, acredita-se que o profissional com formação em enfermagem pode contribuir consideravelmente nesses estudos. Entretanto, para a adequada utilização deste recurso é necessário um trabalho multidisciplinar especializado, no qual o enfermeiro tem um papel expressivo. Para tanto, é imprescindível que o profissional se volte ao estudo e aplicação do conhecimento sobre plantas medicinais, a fim de fornecer esclarecimentos científicos e segurança aos pacientes, que buscam informações sobre esta terapia.

Palavras Chave: Plantas medicinais, Fitoterapia, Enfermagem.

## ABSTRACT

The pursuit of alternative therapies has become more and more frequent and has been raising the interest of health professionals in Brazil. The medicinal herbs can be considered a therapeutic support and their use can be emphasized and discussed within the community. The objective of this paper was to investigate nurses' participation in a study that involves the utilization of medicinal plants aiming at their use in alternative therapies. An extensive bibliography collection in the following databases was carried out: Lilacs, BEDENF and HISA. It took into account the work done in Brazil in the last twenty years. From this collection, 16 pieces of articles revealed a low participation from nurses in researches involving medicinal plants. These results show that these health professionals are still little informed and prepared to deal with this resource or do not even know their potential to participate in such tasks. Considering the abundant Brazilian diversity of plant species, it is believed that the professional with academic background in nursing can contribute considerably to such studies. However, for an appropriate use of this resource, a specialized multidisciplinary work is necessary, in which the nurse has an expressive role. Therefore, it is indispensable that the professional begins to study medicinal plants and apply the learned knowledge.

Key words: Medicinal Plants, Nursing.

## INTRODUÇÃO

A busca por serviços complementares ou terapias alternativas é uma prática comum no Brasil. Entre estas práticas, algumas das mais procuradas são: acupuntura, homeopatia, medicina ayurvédica, toque terapêutico, yoga, reiki, além do milenar uso das plantas medicinais<sup>1</sup>. Dentre estas práticas a utilização de plantas medicinais tem se destacado como a terapia alternativa mais utilizada no Brasil, despertando o interesse de profissionais da área da saúde<sup>2</sup>. Segundo a Organização Mundial de Saúde 80% da população dos países em desenvolvimento utiliza este recurso como terapêutica<sup>3</sup>.

A utilização das plantas medicinais entre outras práticas do cuidar tem sido responsável pela resolução dos distúrbios que acometem o ser humano no seu processo saúde/doença. São denominadas “plantas medicinais” aquelas que administradas ao homem ou animais por qualquer via ou sob qualquer forma, exercem alguma espécie de ação farmacológica. Considerada uma prática milenar, o proveito desses recursos naturais advindos do reino vegetal, remonta desde o início das civilizações. Embora seja um recurso autêntico do saber popular, tradicionalmente utilizado no seio familiar e socializado nas relações da vizinhança, o conhecimento das plantas com suas propriedades terapêuticas e formas de utilização, não são baseadas somente no saber adquirido do senso comum. Os medicamentos extraídos de extratos de folhas, frutos, raízes e semente vêm conquistando o aval da ciência que tem comprovado a existência do valor terapêutico e de princípios ativos em algumas plantas<sup>4</sup> (Amorim projeto iniciação).

A abundância de diferentes espécies vegetais nativas e a sua fácil acessibilidade, bem como o baixo custo para a preparação de infusões são algumas das vantagens da terapia com plantas medicinais no Brasil. Entretanto, a adequada utilização deste recurso requer a necessidade de um trabalho multidisciplinar, para a seleção e cultivo correto da espécie vegetal, para a avaliação dos teores dos princípios ativos e para que a manipulação e a aplicação na clínica médica ocorram<sup>5</sup>.

Segundo Arnous et al 2005, a grande maioria da população acredita que as plantas medicinais não fazem mal a saúde<sup>6</sup>. No entanto, o uso inapropriado sem o acompanhamento de um profissional habilitado pode causar surpresas desagradáveis. Ainda, a associação de ervas cujos efeitos farmacológicos são similares pode ter sua ação potencializada, bem como podem interferir na ação de medicamentos alopáticos. Dessa forma, é importante um estreito relacionamento entre paciente e profissional para que toda e qualquer forma de terapia alternativa, principalmente no que diz respeito ao uso de produtos naturais, seja relatada pelo paciente e assim considerada pelo profissional da saúde durante a evolução da patologia, sintomas e tratamento.

As ervas medicinais podem ser consideradas como coadjuvantes terapêuticos e seu uso pode ser valorizado e discutido junto à comunidade. Uma boa forma de alcançar este objetivo seria através de serviços comunitários como equipes de PSF (Programa de Saúde da Família). Este programa constitui-se de uma equipe multidisciplinar, onde o Enfermeiro tem um papel relevante junto a comunidade, orientando e esclarecendo dúvidas nas Unidades de Saúde e nas visitas domiciliares<sup>6</sup>. Para tanto, é necessário por parte deste profissional um interesse no estudo, desenvolvimento e aplicação do conhecimento sobre plantas medicinais, a fim de fornecer um respaldo aos pacientes, que buscam informações sobre esta terapia.

## OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi investigar a participação do enfermeiro brasileiro nos estudos que envolvem plantas medicinais visando a sua utilização em terapias alternativas.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre a participação do enfermeiro brasileiro nos estudos que envolvem plantas medicinais.

Foi feito um levantamento bibliográfico dos últimos vinte anos nas bases de dados Literatura latino americana e do Caribe em ciências da saúde – LILACS , História da saúde pública na américa latina e caribe – HISA e Base de dados de enfermagem - BDEFN utilizando como descritores “plantas medicinais”, “fitoterapia”, “enfermagem”; país de publicação Brasil. Após a leitura dos trabalhos, foi feita uma análise contextual.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados apenas 16 publicações brasileiras (Anexo) feitas por enfermeiros sobre plantas medicinais nos últimos 20 anos. Esta baixa participação do enfermeiro em pesquisas que envolvem plantas medicinais revela que estes profissionais de saúde estão ainda pouco informados e preparados para lidar com este recurso ou mesmo desconhecem o seu potencial de participação nesses trabalhos.

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), no parecer informativo 004/95, reconhece a fundamentação da profissão de enfermagem na visão holística do ser humano o crescente interesse e utilização das práticas naturais no cuidado ao cliente e os aspectos do código de ética dos profissionais de enfermagem que justificam a utilização das terapias naturais<sup>7</sup>. Em 19/03/1997, o COFEN, através da Resolução 197, estabeleceu e reconheceu as terapias alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de enfermagem<sup>8</sup>. Um estudo feito em instituições públicas e privadas de ensino superior de Enfermagem da cidade de São Paulo chamou a atenção sobre o desconhecimento dos alunos sobre o respaldo legal da especialização para o enfermeiro nesta área<sup>9</sup>. Isso ressalta a urgência e necessidade de esclarecimento a estes acadêmicos, por meio de seus docentes, que, caso não estejam corretamente informados, devem nutrir maior interesse por cursos de atualização. Não é correto que a formação dos alunos seja restrita pelo pequeno número de docentes que dominam as terapias alternativas, uma vez que todas as disciplinas da grade curricular estão envolvidas nesse processo. Ainda, esta é mais uma área específica importante de atuação do enfermeiro no mercado de trabalho, e para lutarmos pela sua participação como terapeuta alternativo é necessário formarmos enfermeiros que efetivamente saibam que este mercado lhe pertence e possuam conhecimento necessário para sua implementação.

Considerando as vantagens do uso de plantas medicinais como terapia alternativa no Brasil como: a grande diversidade de espécies vegetais, a facilidade de acesso e o baixo custo, acredita-se que o enfermeiro pode contribuir consideravelmente nesses estudos. Ainda, uma das razões para o interesse atual em medicina alternativa é a insatisfação com a natureza tecnológica e impessoal da medicina moderna; os pacientes reclamam de um relacionamento insensível, limitado e apressado, e se sentem ignorados e sem auxílio<sup>10</sup>. Dessa forma, outros argumentos que sustentam a sua participação são o resgate do conhecimento terapêutico popular e, a influência que exerce na humanização do atendimento, valorizando o ponto de vista do paciente, na obtenção do diagnóstico e na escolha do tratamento utilizado.

Também ficou evidente uma preocupação com o esclarecimento da população sobre as formas de preparo das plantas medicinais e as interações entre elas e com terapias alopáticas. O aproveitamento adequado dos princípios ativos de uma planta exige o preparo correto, ou seja, para cada parte a ser usada, grupo de princípio ativo a ser extraído ou doença a ser tratada, existe forma de preparo e uso mais adequados<sup>6</sup>. Ainda, a associação de ervas devem ser administradas com critério e sob orientação, porque as ervas apresentam muitas vezes efeitos farmacológicos similares, podendo potencializar suas ações<sup>11</sup>. Da mesma forma, os alopáticos podem ser associados aos fitoterápicos mediante acompanhamento de um profissional, lembrando que podem potencializar os efeitos de alguns medicamentos

alopáticos<sup>7</sup>. Desta forma, para a adequada utilização deste recurso é necessário um trabalho multidisciplinar especializado, no qual o enfermeiro tem um papel expressivo.

Constata-se então que é imprescindível para profissional de saúde melhorar a comunicação com o paciente, bem como voltar-se ao estudo e aplicação do conhecimento sobre plantas medicinais, a fim de fornecer esclarecimentos científicos e segurança aos pacientes, que buscam informações sobre esta terapia. Para tanto, as instituições formadoras deveriam fornecer conhecimento básico sobre este assunto incluindo estudos em saúde alternativa no currículo, capacitando o profissional para fornecer suporte comunitário no emprego desta terapia. Segundo Arnous 2005, uma boa forma de preparar os profissionais de saúde para trabalhar esse assunto com a comunidade é com o auxílio da equipes de PSF<sup>6</sup>.

É um direito do paciente ser esclarecido quanto às possibilidades terapêuticas para sua doença<sup>12</sup>. Dessa forma, o profissional de saúde não poderá fechar seus olhos frente a uma realidade que está se impondo: o uso das terapias não-conveincionais, onde se inclui o uso das plantas medicinais. Muitos estudos recomendam a inclusão de disciplinas sobre terapias alternativas e plantas medicinais no currículo dos cursos de saúde, pois, o conhecimento tanto do paciente como do destes profissionais sobre estas terapias acontece principalmente por meio do senso comum<sup>13,14</sup>. Constata-se então, a necessidade de maiores investimentos em pesquisas e no conhecimento básico do profissional para que, de fato, possam ser conhecidos os limites e os reais benefícios das plantas medicinais para otimizá-las na assistência à saúde.

## CONCLUSÃO

A diversificação das práticas de atendimento a saúde é de conveniência acadêmica, sócio-econômica e cultural, sendo assim, a aplicação das plantas medicinais é um possível meio de ampliação da área de trabalho do enfermeiro que ainda esta pouco informado e preparado para lidar com este recurso alternativo. Para que o profissional enfermeiro conheça melhor esta prática e possa aplicá-la de maneira coerente no serviço público de saúde é importante a inclusão destes conhecimentos nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

## REFERÊNCIAS

1. BARBOSA, M. A. A utilização de terapias alternativas por enfermeiros brasileiros. 1994. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
2. WALDOW, Vera Regina. **O cuidado humano o resgate necessário**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.
3. Saúde, Organização Mundial da. <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/relext/mre/nacun/agespec/oms/> Acesso em 20/06/2005
4. AMORIM, M.M.R.; SANTOS L.C. Tratamento da vaginose bacteriana com gel vaginal de aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi): Ensaio Clínico Randomizado. RBGO, v. 25, n. 2, p. 95-102, jun. 2003.
5. NAKAZAWA, T. A. Particularidades de formulações para fitoterápicos. Ver Racine: 1999; 9(53): 38-41.
6. ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER, R. P. C. Plantas medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. Revista Espaço para Saúde, Londrina, v.6, n. 2, p. 1-6, jun. 2005.

7. Conselho Federal de Enfermagem (BR) Parecer normativo do COFEN n. 004/95. Dispõe sobre as atividades em Terapia alternativa. Bol Inf CREn 1995; 18(4):8.
8. Conselho Federal de Enfermagem (BR). Resolução COFEN 197. Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem In: Conselho Regional de Enfermagem. Documentos básicos de enfermagem. São Paulo (SP); 1997.
9. TROVO, M. M.; SILVA, M. J. P.; LEÃO, E. R. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 11, n. 4, p. 483-9, jul-ag. 2003.
10. ELIAS, M. C.; ALVES, E. Medicina não-convencional: prevalência em pacientes oncológicos. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 48, n. 4, p. 523-32, 2002.
11. BOTSARIS, A. S.; MACHADO, P. V. Introdução a fitoterapia. Memento fitoterápicos, v. 1, p. 8-11, 1999.
12. HOUTS, P. S.; HERMANN, J. F. Educational needs related to complementary and alternative therapies. Cancer Pract. v. 7, p. 262-5, 1999.
13. RAMPES, H.; SHARPLES, F.; MARAGH, S.; FISHER, P. Introducing complementary medicine into the medical curriculum. J. R. Soc. Med. v. 90., n. 1, p. 19-22, 1997.
14. NOGUEIRA, M. J de C. Terapêuticas alternativas na enfermagem: por que não? Enfoque v. 11, n. 2, p. 30-5, 1983.

## ANEXO

Referências encontradas no levantamento bibliográfico dos últimos vinte anos nas bases de dados: Literatura latino americana e do Caribe em ciências da saúde – LILACS , História da saúde pública na América Latina e Caribe – HISA e Base de dados de enfermagem – BDENF, utilizando como descritores “plantas medicinais”, “fitoterapia”, “enfermagem”; país de publicação Brasil.

ALVES, A. T. L. S. A utilização da solução natural de eucalipto nas nebulizações, como auxiliar nos tratamentos das infecções respiratórias agudas – IRA. Rev. bras. Enfermagem, v. 45, n, 2/3, p. 183-6, abr-set, 1992.

ALVIM, N. A. T. A enfermagem fundamental e seus nexos com as práticas naturais de saúde: revivendo a construção de um jardim medicinal. Escola de Enfermagem Anna Nery, nov, 2002 100p ilus., 2002.

ALVIM, N. A. T. Práticas e saberes sobre o uso de plantas medicinais na vida das enfermeiras: uma construção em espiral. Rio de Janeiro, Tese (doutorado), Escola de enfermagem Anna Nery, 164p. ilus., 1999

ALVIM, N. A. T.; CABRAL, I. E. A aplicabilidade das plantas medicinais por enfermeiras no espaço do cuidado institucional. Esc Anna Nery Ver. Enferm. v. 5, n. 2, p. 201-210, ago, 2001.

ALVIM, N. A. T.; CABRAL, I. E. O lugar das plantas medicinais nos espaços privado-domiciliar e acadêmico-profissional das enfermeiras. Esc. Anna Nery Ver. Enferm. v. 3, n. 3, p. 90-103, dez, 1999.

BARBOSA, M. A. A fitoterapia como prática de saúde: o caso do Hospital de Terapia Ayurvedica de Goiânia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 257p. ilus, dez, 1990.

BEVILÁQUA, D. F.; NEIRA, H. E. P.; MADEIRA, L. M.; LAGANÁ, M. T. C.; MIRANDA, M. M. Uso popular de medicamentos de origem vegetal em lactentes. Ver. Esc. Enfermagem USP, v. 19, n. 1, p. 21-42, abr, 1985.

ELIAS, M. C.; ALVES, E. Medicina não-convencional: prevalência em pacientes oncológicos. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 48, n. 4, p. 523-32, 2002.

FARIA, P. G.; AYRES, A.; ALVIM, N. A. T. O diálogo com gestantes sobre plantas medicinais: contribuições para os cuidados básicos de saúde. Acta Sci., Health Sci. v. 26, n. 2, p. 287, jul-dez, 2004.

GOMES, D. L. S.; ROMANHOLI, L. M.; SOUZA, M. T. G. A fitoterapia e a homeopatia como práticas médicas alternativas. Rev. bras. Enfermagem, v. 38, n. ¾, p. 329-48, jul-dez, 1985.

MEDEIROS, L. C. M. As plantas medicinais e a enfermagem: a arte de assistir , de curar, de cuidar e de transformar os saberes. Rio de Janeiro, s.n., mar 165p, ilus, tab., Graf, 2001.

PINHEIRO, F. A.; TORRES, G. V.; DAVIM, R. M. B.; XAVIER, F. L. Utilização das principais plantas medicinais em uma comunidade rural. Rev. brás. Enferm. v. 49, n. 4, p. 511-18, out-dez, 1996.

RIBEIRO, M. C. P. A utilização das terapias complementares de saúde associadas à terapia convencional, por pacientes portadores de patologia oncológicas e onco-hematológicas. São Paulo, Dissertação (Mestrado), s.n, 84p. tab. 2002.

SOUZA, R. B. Conhecimento e percepção dos docentes e discentes sobre a utilização de fitoterapia por pacientes hospitalizados. Belém, s. n, 168p., tb., graf., 1995.

TROVO, M. M.; SILVA, M. J. P.; LEÃO, E. R. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem, v. 11, n. 4, p. 483-9, jul-ag. 2003.

VIVEIROS, A. A.; GOULART, P. F.; ALVIM, N. A. T. A influência dos meios sociocultural e científico no uso de plantas medicinais por estudantes universitários da área da saúde. Esc. Anna Nery Ver. Enferm. v. 8, n. 1, p. 62-70, abr, 2004.